

ALBUM DO DOMINGO

COLLABORADORES

AURELIO DE BITTENCOURT—APOLLINARIO PORTO ALEGRE—A. TOTTA—A. ROCHA—APELLES PORTO ALEGRE—ALEXANDRE MOURA—A. CANDAL—C. VON KOSERITZ—C. JANSEN.
DAMASCENO VIEIRA—G. F. CORRÊA—HILARIO RIBEIRO—IGNACIO DE VASCONCELLOS—J. B. DOS SANTOS—LUIZ DA MOTTA—S. DE ALBUQUERQUE—S. MENNA—V. DE ARAUJO.

PROPRIEDADE DE SATURNINO JOSÉ PINTO

ANNO I

PORTO ALEGRE, 25 DE AGOSTO DE 1878

NUM. 21

O drama — José — e sua exibição.

DRAMA

Estamos incumbidos de descrever o espectáculo de inauguração da sociedade « Gymnasio Dramatico. »

Fallando d'esse espectáculo, não nos podemos eximir de tratar do drama « José, » do nosso talentoso companheiro Arthur Rocha.

Não é uma critica litteraria ao que nos impozemos; somos os primeiros a reconhecer a deficiencia de nossas habilitações para trabalho de tanta monta.

Quizeramos, sim, possuir uma d'essas intelligencias privilegiadas para podermos apreciar esse mimo, producção de tão esplendido talento; porém resta-nos a boa vontade, o entusiasmo com que de coração saudamos o apparecimento de um trabalho de Arthur Rocha.

Passemos ao drama

— José —

E' brasileiro! nasceu á luz do Cruzeiro, á sombra das florestas virgens, bafejado pelas auras do pampa.

Não é tudo, mas é muito.

Nós, que começamos com uma litteratura nascente, porém nossa, neguem embora os que arraigados a um principio retrogrado, nos julgão sempre atados ao tronco da metrópole, movidos apenas pelo influxo d'ella, temos incontestavelmente uma litteratura nossa, puramente nossa, que ainda ha de sobrepujar a já carunchosa litteratura mãi.

Nós, pois, que começamos a instituir-nos livres nas letras, como livres nos instituimos nos laços da politica, é sem duvida de inconcusso merecimento o brasileiro que, desprezando os moldes do estrangeiro, procura no seu berço a

arvore para enflorar com as flores de sua intelligencia.

Foi o que fez o nosso amigo no seu primoroso drama; não só o localizou no seu paiz, como d'elle tirou os elementos de que se compõe.

O drama « José, » ao nosso ver, encerra duas theses que, no correr da acção, intimamente se colligirão.

Uma força de vontade inaudita, movida pela gratidão; uma nobreza de sentimentos nimiamente destacada da onda corrosiva que tudo invade, gangrena e mata; e ainda alguma lição ao estoico preconceito de raças, vê-se plenamente demonstrado no personagem José.

« O negro.... o paria das sociedades modernas, o mulato, o proscripto da ventura » como tão bem disse o distincto dramaturgo, formão a primeira these — o homem pelo sentimento. —

A inconveniencia das uniões illicitas, as consequencias funestas, a que arrastão os conquistadores da innocencia, virtude, pureza, tudo, formão a segunda these, mas que não dê mestre as unio para n'um amplexo elevarem-se ao bello, ao grandioso.

Esboçemos ligeiramente seu enredo.

Alfredo de Magalhães, o typo da devassidão social, contrahio relações illicitas com Clara, moça pura e honrada, a quem arrastou ao patibulo da perdição. D'essa união nasceu uma criança.

Alfredo de Magalhães, já cansado d'esta victima, procura desenvencilhar-se d'este cargo, afim de buscar outro horisonte, onde possa dar expansão ao seu genio destruidor; com o maior desplante, pois, atira á essa victima, immolada aos seus depravados caprichos, além do estigma da deshonra, os mais execrandos labéos; « sim, diz Alfredo, é uma virtude, amasiada com um negro. »

Clara ficára orphã; a sua deshonra tinha

cavado a sepultura de seu pai; só tinha por amparo, ou os braços de um seductor infame, a encherga da prostituição, ou os braços da gratidão, « José. »

José, o mulato, foi liberto logo que se baptisou; porém, tinha uma remissão pela qual trabalhava — a liberdade de sua mãe.

N'esse empenho veio em seu auxilio Clara, como um anjo de bondade, dando-lhe a quantia necessaria para a liberdade da captiva; d'ahi nasceu a gratidão nobre de José.

Alfredo de Magalhães despresou a victima depois de sugar seu nectar, e foi ainda com a gargalhada de cynico que a despresou.

Luiz da Cunha foi testemunha d'essa infamia.

A flôr emmurcheceu, pendeu e amergeu-se na campá, deixando ao abandono uma pobre criança.

José tomou-a nos braços; servindo-lhe de padrinho, instituiu-se seu pai de coração, já que a sociedade negára-lhe o que o amor de sua mãe lhe dera.

Eis o prologo do drama tão primorosamente desenvolvido pelo autor.

Segue-se o drama em tres actos.

José, pelo seu esforço, sómente devido a elle, e pelo seu brilhante talento, attingio um lugar distincto na sociedade: tornou-se jornalista.

Nunca deixára de prodigalisar disvellos, carinhos e amor á filha adoptiva de seu coração.

Angela, filha de Clara, chegára aos 19 annos, quadra de risos, flôres e amor, a primavera da vida; seu coração abriu a linda corolla para receber os effluvios do céu — o amor. —

Amou, pois, com effusão de sua alma a Carlos, filho de Luiz da Cunha.

Carlos queria desposar-a, porém Luiz da Cunha oppõe-se, porque Angela é considerada na sociedade como filha de José, o mulato.

A acção do prologo foi passada na Bahia e do drama, no Rio de Janeiro.

Ha um esplendido baile em casa de José; entre os demais convidados, apresenta-se um Arnaldo de Mattos, que, sendo hospede de Silveira, foi por este apresentado a José.

José julga o conhecer, assim como Luiz da Cunha e seu filho.

Arnaldo intenta seduzir Angela, o que Silveira, Salustiano e Amaral applaudem, porque

terão mais uma martyr bella e jovem para o lupanar das orgias.

José descobre em Arnaldo o Alfredo de Magalhães no momento em que este jogava o ultimo recurso para seduzir Angela.

Em presença de todos os personagens, José desmascara Alfredo e mostra-lhe sua filha a quem tentava perder.

Alfredo enlouquece, e José offerece a mão de Angela a Carlos.

Temos, pois, mal e toscamente esboçado o drama; foi o que deu a nossa pobre habilitação.

Arthur Rocha desenvolveu, com sua feliz intelligencia, dous principios do bello dramatico: o heroismo em José, e a verdade nas perniciosas uniões illicitas; faltou ao nosso ver o sentimentalismo que completa a trindade que forma a ficção artistica de um drama.

O autor escreveu seu drama moldado á escola realista; é bella, é verdadeira; mas falta nessa escola alguma cousa que nos deleite — o sentimento —; ella não nos falla á alma e sim ao espirito, á intelligencia.

Bem, entrai em um jardim juncado de flores bellas, tirai-lhes o perfume e dizei-me depois que vossa vista cansar de olhal-as, o que sentis; nada por certo.

E' o que vemos na nova escola; muita verdade e por conseguinte muita desillusão; sahe-se d'ali com o espirito attribulado e a alma triste e sem conforto.

E de mais não se pôde estabelecer uma antithese neste caso, tão subitamente; seria expôr em terreno inculto a planta debil.

O coração não pôde ver indifferente as anemias, assim como não podemos chegar ás podridões sem o aroma que modifique as exhalacões mephiticas.

Notamos, pois, no drama José a falta do lyrismo que tão bem poderia ser applicado no amor de Carlos e Angela, embora pertença á escola realista.

Nos parece que o amor de ambos não se acha ali plenamente manifestado; ou quer porque o illustre dramaturgo o tivesse escripto para amadores represental-o, no que tomava parte, e por isso, curando mais de seus companheiros do que de si, não elevou o papel de Carlos á altura de seu esplendido talento.

E' uma generosidade esta que não podia fazer sem protesto de sua intelligencia.

Ou finalmente, porque moldado o drama a

uma escola, não quiz discrepar; porém é sublime quando se junta o bello ao agradável.

Todos os actos correm magestosamente; mas nos parece que o final de Alfredo não está na altura do drama; julgamos ter havido alguma precipitação no desfecho; e que se o drama fosse prolongado a mais um acto, teria finalizado de um modo esplendido.

Ha o seu tanto de immoral, mas que tem justificação na verdade dos factos, que diariamente se antolhão.

Sim, quantas vezes no meio das orgias, em plena libidinagem, não se estreitam em abraços sensuaes paes, mães, irmãos, sem que um raio de luz aclareie as trévas d'um mysterio?

« Por ventura se pôde dizer qual das sementes plantadas n'um terreno immensamente cultivado gerou a flôr que entreabrio! »

E demais, bem haja o dramaturgo que, conhecendo o mal que esfacella, definha e mata a nossa sociedade, busque na penna o látego para castigar o mal e forme, do theatro, a escola nobre, d'onde a mais salutar lição venha sustentar a victima, prestes a desabar.

Arthur Rocha é um talento fecundo e feliz, não somos nós que dizemos, e sim suas brilhantes produções, no genero de litteratura tão difficil — a dramatica.

Seu ultimo drama é um mimo; deixa de ser um ensaio, para conquistar um lugar elevado entre tantos que formão a litteratura dramatica.

Bem digno de uma critica circumspecta que, mostrando uma ou outra incorrecção de fórma, ponha em relevo lances grandiosos, tão brilhantemente desenvolvidos.

Arthur Rocha possui um estylo fluente e amêno; escusado é dizer que seu drama tem uma linguagem attractiva e bella.

Nós com toda effusão d'alma o saudamos, esperando que não se arrefeça na carreira tão brilhantemente encetada, e onde poderá tomar um dos lugares mais distinctos entre a nova legião de batalhadores; não esquecendo que é brasileiro e que a patria espera de si seu valioso concurso.

Sentimos immensamente a deficiencia de nossas habilitações e assim não poderemos, tratando de seu drama, escrever uma critica que se elevasse á altura de sua bella producção; resta-nos a boa vontade e o enthusiasmo com que sempre o applaudimos.

EXHIBIÇÃO

Na noite de 15 do corrente o theatro S.

Pedro arreiou-se de gala. A multidão invadia a platêa e camarotes, não havia mais lugar nas bancadas, e a multidão foi até ás galerias da 3ª ordem! A platêa regorgitava de senhoras; e como era bello ver essas flores esparsas exuberando de viço e aromas, recebendo os reflexos dessas ondas de luz que lhe cahião a flux?

Apparecia mais uma estrella fulgurante no palco, uma nova associação inaugurava seus trabalhos, e um drama comprovinciano, filho de um talento querido, vinha romper a marcha triumphal da nova sociedade. A multidão tinha razão de correr ao theatro. Não era a sociedade selecta, pelo pergaminho ou pelo mercantilismo, que buscava um lugar no theatro, não; para aquelle só existe o patriotismo quando se apercebe que é brasileiro, para o pleito eleitoral; este é de nata tão fina, que teme ser corrompida ao contacto dos mediocres e plebeus. Quem enchia o theatro era a mocidade rica de estímulos, nobre de sentimentos, cheia de fé, que ainda não descreu do futuro, e que, patriótica, marcha ovante a um porvir esplendido.

Ao subir o panno apresentou-se em scena a directoria do *Gymnasio Dramatico*, para receber o abraço fraternal que lhe trazião suas co-irmãs. Fallou por parte da *Luzo* o Sr. Firmino que n'um longo discurso saudou o *Gymnasio* attribuindo a sua creação a intrigas, que surgirão no seio de sua sociedade, á qual pertencião mór parte dos socios d'esta.

Não diremos que seu discurso foi inconveniente; mas o que estamos crentes, é que ambas as sociedades compõem-se de moços muito distinctos, incapazes por isso de sentimentos tão menos dignos.

O apparecimento do *Gymnasio* nada tem de extraordinario, é filho da epocha; hoje é o theatro, como amanhã o baile, depois as sociedades litterarias e assim por diante; a mocidade naturalmente irrequieta, não pôde ter estabilidade; nova cruzada, não pôde levantar sua tenda para descansar das fadigas dos labores, e por isso marcha de pouso em pouso; agora o theatro é um d'elles, nada mais natural do que surgirem as associações dramaticas.

O Sr. Setembrino de Carvalho por parte dos *Ensaíes Dramaticos* e n'um brilhante discurso saudou a nova sociedade.

Fallarão por parte dos *Ensaíes Litterarios* o Sr. João de Barros que não só saudou o *Gymnasio* como por parte da sociedade de

que era orgão trazia um aperto de mão para o Sr. A. Rocha ; e por parte do illustre bathador *Parthenon Litterario* fallou o Sr. João José Rodrigues da Silva que n'um bonito discurso saudou o *Gymnasio*; coube ao vice-presidente d'este agradecer as saudações dispensadas á associação.

Seguiu-se depois a representação do drama, que, digamos imparcialmente, esteve além de toda expectativa.

D. Maria Angelica esteve n'uma noite feliz ; dir-se-hia que as recordações dos tempos idos tinham-lhe trasido uma saudade, que a inspirára; desempenhou magistralmente os papeis de Clara e Angela.

« José » coube a um amador que revelou a mais decidida vocação para a arte ; intelligente e estudioso, conservou-se n'uma altura invejavel ; por mais de uma vez arrancou da plateia um —bravo— espontaneo.

Os papeis de Alfredo de Magalhães e Arnaldo de Mattos coube ao Sr. J. Rocha que ha muito tempo se acha arredado do palco, mas que não desmente os seus fóros de bom actor, quando se dá occasião de apparecer em um sarão destes ; e a prova está na maneira brilhante por que desempenhou os papeis que lhe forão confiados.

Luiz da Cunha e Carlos forão desempenhados por amadores habeis, que sustentarão plenamente seus papeis. assim como os demais personagens.

Findo o drama foi o autor, em phreneticos applausos, chamado á scena ; ahi o Sr. Pitta Pinheiro offereceu-lhe um bouquet por parte do corpo scenico da *Luzo* e o Sr. Totta uma escrivanhinha de prata por parte do *Gymnasio*, recitando em seguida o Sr. Azevedo Junior uma bonita poesia de sua lavra.

Seguiu-se depois a comedia *Uma chavena de chá* onde um amigo nosso desempenhou satisfactoriamente o papel comico que lhe coube.

Si a producção de A. Rocha é esplendida pela sua forma, grandeza de pensamento, belleza de estylo, o nosso amigo deve-se achar satisfeittissimo pelo modo brilhante por que foi exhibido.

Ainda repetimos : não ha a arrefecer ; escreva e escreva para actores ; não prenda a intelligencia que seria quasi um crime ; os condores são bellos quando adejão nos espaços ignitos ; dê liberdade á intelligencia que ella nos dará mimos de inexcédível valor.

!ARARÉ.

O mais infeliz de todos os homens

Não ha como o amigo Fortunato para casos de desventura, embora o nome seja promettedor de felicidades. Delle é que se pode dizer, sem receio de erro, que se principiasse a negociar em carapuças, nascerião logo todas as crianças sem cabeça.

Vai abrir a porta de um botequim, os gaia-tos têm feito diabrura no fecho.

Entra, pede agua para lavar as mãos. Por um descuido deixou-se esgotar o abastecimento, e espera-se que ella chegue da fonte.

Mette-se para a cosinha, resignado a esperar, e um criado, que sahe veloz a servir um freguez, bate-lhe de encontro, e despeja-lhe nas calças o conteúdo de uma bandeja, que vai preparada com os accessorios indispensaveis para um café com leite.

De parte a parte dão-se explicações muito semelhantes a uma desordem.

Algumas testemunhas declararão que o culpado do successo é Fortunato, que se atravessou diante do criado, especie de locomotiva, e que elle deve pagar toda a despeza.

Fortunato promette pagar quando estiver no caso de poder introduzir nas algibeiras as mãos lavadas.

Vem agua, lava-se, e, agradecido ao obsequio, quer despejar a bacia, antes de enxugar as mãos, e atira com ella a um espelho, pondo tudo em mil bocados.

Desorientado, parte a correr pela porta fóra, e ao fim da rua cahe entre os braços de um agente de policia, que o leva á primeira autoridade para averiguações.

Como é pessoa decente, permittem-lhe ali que se explique primeiro que uns garotos que lá estão dando contas de uma occurrencia, e entretanto estes, para aproveitarem o tempo, furtão-lhe o *porte-monnai* e o lenço.

A' porta da estação da policia reúnem-se varios curiosos para saber porque é que aquelle homem foi preso, e, enquanto não chegam ao conhecimento da verdade, formão as seguintes conjecturas :

— Seria por algum rapto?

— Seria por ladrão?

— Seria por moeda falsa?

— Seria por assassinato?

E por ultimo espalha-se por todos a noticia de que Fortunato é um terrivel capitão de salteadores, vestido á paisana.